



ENTREVISTA: PROFESSORA TÂNIA ELIAS



A professora Tânia Elias Magno da Silva é formada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação (1976), Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987) e Doutora em Ciências Sociais também pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998). Atualmente é professora vinculada ao Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais (NPPCS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas: Itinerários Intelectuais, Imagem e Sociedade (NPPCS-UFS), Membro da Rede de Nanotecnologia e Meio Ambiente (RENANOSOMA/USP), Coordenadora de Projetos do Centro Integrado de Estudos e Desenvolvimento Sustentável (CIEDS) e Diretora de Cidadania e Cultura da Sociedade (ECOAR). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Desenvolvimento, Políticas Públicas e Meio Ambiente, Ciência e Novas Tecnologias, Literatura e Imaginário e Pensamento Social Brasileiro. Concedeu esta entrevista para a Revista *Inter-Legere*, durante o I Seminário Nacional de Educação em Ciências Sociais, no dia 17 de abril de 2008, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.¹

Revista Inter-Legere: Professora Tânia Elias, em sua formação, que caminhos epistemológicos vêm sendo trilhados?

Professora Tânia Elias: Eu comecei minha carreira no antigo curso de formação de professores para o ensino fundamental. Na verdade, eu sou uma normalista. Trabalhei como

¹ A entrevista foi elaborada e realizada por Evaneide de Melo (doutoranda) e por Lailson F. da Silva (mestrando) ambos alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

professora um ou dois anos no curso normal e depois fiz o aperfeiçoamento do curso da CAPES, para dar aulas no antigo ginásio e no colegial. Depois é que iniciei o curso de Pedagogia em Minas Gerais. Eu comecei o curso de Pedagogia e fiz até, hoje, seria o quarto semestre, ou segundo ano, mas esse curso não respondia a meus anseios. Então, fiz um novo vestibular, agora, para Ciências Sociais; eu morava em Minas Gerais, naquela ocasião. Esse vestibular foi em uma faculdade que estava começando, se chamava Faculdade Machado. Lá fiz um ano em Ciências Sociais, depois mudei para São Paulo. Em São Paulo, estudei em um Instituto isolado da Pontifícia Universidade Católica que tinha sido uma faculdade das meninas da burguesia paulista; era uma faculdade de Filosofia. Depois fiz vestibular novamente para a USP e nela cursei Ciências Sociais e lá me formei em 1973. Durante o curso, peguei todas as reformas de ensino e de currículo que vocês possam imaginar. Comecei em um curso seriado, passei para um outro por créditos, em seguida enfrentei mudança no curso de créditos, de modo que eu tinha concluído o curso sem saber. Veja, eu estava estudando matriculada, quando um dia fui buscar um atestado de matrícula para comprovar onde trabalhava, quando peguei o atestado de matrícula para manter meu estágio na prefeitura, descobri que me deram um atestado de conclusão de curso. Isso me deixou apavorada porque, se assim fosse, eu perderia meu estágio. De modo que eu prorrogei minha colação de grau para não perder meu estágio, pois eu precisava trabalhar. Então, concluí o curso em 1973 e coleí grau em 1976. O valor legal é a colação de grau. Em 1976 eu também terminei a licenciatura na Faculdade de Educação da USP, por quê? Porque os cursos eram, assim,... você fazia licenciatura e bacharelado dentro do mesmo currículo de Ciências Sociais; com as reformulações que ocorreram na Universidade de São Paulo, decorrentes do golpe de 1964, a licenciatura passou a ser feita pela Faculdade de Educação. Todas as disciplinas práticas eram por lá. Dessa forma, eu tenho dois diplomas: um diploma de bacharel da Faculdade de Ciências Sociais e um diploma de licenciado da Faculdade de Educação. É como se eu tivesse concluído dois cursos diferentes, não é? Nessa época, eu já ministrava aulas. Comecei dando aula para o vestibular, e trabalhando aqui acolá; foi na época de recessão do regime militar. Então, eu já estava na militância política também; era tudo junto e a escolha do curso tinha, eu digo assim que teve muito a ver com aquele momento histórico, aí você me pergunta: Você faria esse curso hoje? – Faria, obviamente, foi o que me realizou profissionalmente! Mas, naquele momento teve a ver com o momento

histórico que nós vivíamos e com o engajamento político vivido por mim. Então, o único curso que responderia aos nossos anseios, por ser um curso mais crítico, era o curso de Ciências Sociais, talvez o curso de Economia e Filosofia, também, mas não são? Naquele tempo era o curso de Ciências Sociais; fui para ele exatamente buscando uma compreensão melhor do mundo, e da sociedade, me dando, posso dizer, bases para isso. Dessa forma, esta é a formação formal antes da pós-graduação. Depois disso, fiquei dando aula um tempo, aliás, dei aula muito tempo. Sou professora da alfabetização até, posso dizer, da alfabetização ao mestrado, e talvez termine no doutorado, pois estou quase lá. Eu morava em São Paulo e me mudei para Aracaju em 1978 e em 1979 entrei na Universidade Federal de Sergipe como professora. Abro parênteses, para dizer que a Universidade nunca foi para mim o lugar que pensei em trabalhar. Eu queria ser socióloga, veja que coisa interessante, eu não queria ser professora universitária. Não era a universidade, o meu sonho; para mim, a universidade era uma coisa assim -, até desinteressante. Digo isto porque que fui para a universidade por questões de necessidade de trabalho; o mercado de trabalho me levou para a universidade. Eu saí de um emprego de socióloga no Estado para um concurso de professor de Sociologia na Universidade Federal de Sergipe e de lá para cá; minha carreira se fez lá. Em 1981, saí para fazer mestrado, em 1994 doutorado, e continuo, apesar de ter me aposentado em 2004, continuo até hoje como professora voluntária na Universidade Federal de Sergipe, porque ser professora é o que sempre fui. Hoje estou ligada à Pós-Graduação, ao mestrado da UFS. Então, é realmente uma trilha. Então, você pode perguntar assim: “Você aprendeu, como é que você se formou?” Diante dessa trajetória de vida toda, não apenas na base da universidade. Eu sempre digo que na universidade se você aprende muito, você aprende a estudar. Mas, você vai aprender realmente vivendo, a sensibilidade que você traz, não é? É a participação em congressos, seminários, trocas de experiências, pesquisas... É assim, que você vai construindo para você uma visão epistemológica, um rumo teórico seu, no conjunto de atividades que é a universidade. Eu acho que a grande questão é essa, e que, hoje, eu fico me perguntando: por que muitos jovens não têm isto?, eles copiam sempre alguma coisa, ou procuram seguir o que já está pronto, ou que está na moda, ou querem apenas fazer média com o professor. Eu venho de uma geração diferente; se você questionar as pessoas da minha geração, vai ouvir que era uma geração que vinha para fazer, se construiu bem, ou construiu mal, não sei, mas é uma geração que vai deixar o legado dela, que tem uma

personalidade, uma identidade própria. Se você fizer esta análise, vai perceber que grande parte das pessoas que vêm da minha geração, tinham esta formação: de se fazer, se construir...

Revista Inter-Legere: Seria possível a senhora apontar algumas reflexões tangenciadas em seus estudos acerca de Josué de Castro?

Professora Tânia Elias: É, veja! parece uma brincadeira, ou parece uma outra coisa, mas meus estudos acerca de Josué de Castro são uma continuidade do que eu vinha dizendo. Josué de Castro é um autor do meu tempo, aliás, um autor de antes do meu tempo. Ele nasceu em 1908, portanto, eu nasci bem depois dele, quando eu nasci, ele já era um autor consagrado. Mas, ele é um dos autores que marcou muito a geração de 1950, 1960. Com o golpe militar de 1964 ele sai das prateleiras, ele saiu também das bibliotecas, ele saiu das referências. Ele foi cassado, inclusive, é válido lembrar que ele constava da primeira lista dos cassados do golpe militar, um dos primeiros nomes era o dele. Por causa disso, do nome dele estar na primeira lista, uma coisa me chamava muito a atenção. Eu ainda era estudante de graduação, e via nas portas das livrarias em São Paulo, aqueles cestos de livros para vender a qualquer preço, e ali estavam as coletâneas de Josué de Castro, amarradas com barbante, jogadas assim, a cinqüenta centavos (o que seria hoje o real, nem sei). Então, isto me chocou muito, por quê? Eu refletia, vai para o lixo para não se perder. Isto passou... Eu li “Homens e Caranguejos”, tive contato com o livro “O medo da fome”. Mas, durante a minha formação, também na Universidade de São Paulo, não se lia Josué de Castro, já no ano de 1979, Josué de Castro não estava mais na relação de autores lidos. Então, quando eu fui fazer o doutorado, e quando antes, fiz o mestrado eu recorri a Josué de Castro, por causa de um dos temas que perpassou minha pesquisa de mestrado: a questão da alimentação, estudando comunidades rurais. Li e reli Josué de Castro para entender um pouquinho dessa coisa da cultura da pobreza, alimentação etc. Mas, passou, será?. Quanto fui fazer o doutorado havia pensado noutro tema, pensava em pesquisar os pescadores do Vale do São Francisco, pois eu já vinha pesquisando há mais de quinze anos na região, região do Rio São Francisco, mas

em uma conversa com meu orientador eu disse: “Olha tem um estudo em minha vida que eu quero fazer , quando concluir o doutorado. Ele perguntou: o que é que você quer estudar? Eu disse: quero estudar Josué de Castro, porque é um autor que é pouco entendido, eu mesma não conheço direito, quero conhecer. Ele disse: então o faça agora”. E aí foi o desafio para o doutorado. Então, desenvolvi minha tese de doutorado estudando Josué de Castro e confesso a você ele foi muito além do que eu esperava. Quando eu vi o volume da produção intelectual dele, não foi fácil mapear. Por quê? Porque em nenhuma universidade eu encontrei as obras de Josué de Castro completas, em algumas universidades não havia um só livro dele na biblioteca. Na USP, achei um volume na Geografia, um opúsculo nas Ciências Sociais, um na Educação e alguns no sebo, e aí fui tendo que mapear a produção sem ter rumo aonde estava a produção. Na época foi relançada, num Centro de Estudos no Pará, a segunda edição de um livro chamado “Desenvolvimento, subdesenvolvimento” de G..Taranto e, no final dessa obra tive uma imensa felicidade, ele havia feito um levantamento de tudo o que ele coletou de Josué de Castro, de livros publicados, artigos. Eu vivia pensando: “Aonde eu vou encontrar isso?” E foi aí que fui garimpar, fui ao Centro Josué de Castro em Pernambuco, quando ainda não estava à disposição para pesquisa, porque eles não tinham catalogado a obra. A família já tinha mandado, mas não tinham catalogado. Eu consegui que eles me liberassem o arquivo no Centro Josué de Castro. Fui, talvez, a primeira pesquisadora a manipular aquele arquivo; tive ainda esse privilégio, é assim que eu sinto, como um privilégio? Ele foi um autor que começou a se revelar maior do que eu imaginava. Primeiro, compreendi que ele era um homem de olhar múltiplo, numa época difícil, um homem sem amarras conceituais, porque ele se fez sociólogo. Ele era médico de formação, foi professor de Geografia, também se fez professor de Geografia. E se fez sociólogo, em uma época em que as pessoas se faziam, não é? Ele era autodidata. Apesar de já haver o curso, na época dele, não na época que ele foi ser professor, ele foi um dos fundadores da primeira faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Brasil, em 1932, em Recife. A Sociologia Política de São Paulo é de 1933, só que quando ele vai para o Rio de Janeiro em 1935, a Faculdade morre, ela vai ressurgir muitos anos depois. Então, ele foi um homem que tinha um diálogo com todas as áreas do conhecimento. E mais, a temática única da vida dele, a grande temática foi a fome, analisada por vários ângulos. Então, não dá para você compreender Josué de Castro se você não tiver esse olhar, digamos assim, direcionado para a complexidade tanto teórica, quanto

epistemológica como um olhar múltiplo inclusive, passando pela arte. Ele era um amante do cinema, tentou trazer várias vezes para o cinema o drama da fome, então, foi um autor que se revelou muito intenso, e que respondeu a um anseio meu daquela época. Eu lembro que disse ao meu orientador: Olha se eu tiver que fazer uma tese de doutorado, daquelas quadradinhas assim: A Ciência de Josué de Castro, não sei o quê..., eu não quero fazer! Eu quero que você me dê liberdade para caminhar com o autor. De modo que montei a tese como se fosse um filme, um filme você pode filmar. Ela é um filme em três momentos. Eu imaginei, assim, que estaria falando de uma pessoa em três momentos da vida que se repetiriam. Era o autor falando de si, complementado, obviamente, por outras pessoas falando da vida dele. Era a obra se revelando e depois os outros falando dela. Então, aparentemente, é sempre o mesmo tema por três ângulos diferentes, não é?. Isto foi a base estrutural e a inspiração foi Gaston Bachelard, que é um autor que admiro demais porque ele dá essa liberdade de você trazer para fora aquilo que os cientistas, às vezes, não permitem, que é a subjetividade; que é a emoção, reconhecendo que é isto que domina a Ciência. O próprio Edgar Morin é um outro autor assim, não é? O Gilbert Durand, também, os dois são autores, assim, da base da epistemologia, que ajudam a você fazer, a pensar e a se libertar e a trabalhar. E depois é você que terá que dialogar em termos de história, geografia, política... Vocês sabem melhor do que eu como é que se monta um trabalho acadêmico e científico.

Sobre Josué de Castro, no Brasil, foi a mina. Não havia nenhum trabalho. Havia trabalhos sim, tanto de mestrado quanto de doutorado cujas temáticas passavam por ele. Então, você tem um capítulo, uma parte que trata de Josué de Castro, onde ele é, digamos, o objeto de estudo em si; para o doutorado o meu é o primeiro. E acredito, segundo um colega, que talvez seja o primeiro no mundo. Nós temos o trabalho de Taranto, “Desenvolvimento e Subdesenvolvimento em Josué de Castro,” mas veja, não é uma tese de doutorado. É um trabalho que ele fez analisando esses dois conceitos. Como Josué de Castro trabalha a questão do desenvolvimento e do subdesenvolvimento, esta é a pergunta dele. Mas, um trabalho sobre ele, o primeiro é o meu. São estas as minhas preocupações.

Revista *Inter-Legere*: A senhora acredita que as contribuições de Josué de Castro para se pensar o Brasil ainda são atuais? Qual delas seria a mais importante e como essa contribuição poderia servir de parâmetro reflexivo para a situação do Nordeste do país?

Professora Tânia Elias: Veja, eu gostaria de falar um pouco e mudar isso para a atualidade do pensamento dele. Nós estamos comemorando nesse ano cem anos do nascimento de Josué de Castro. Eu já vi que vai ter um seminário no Recife e nós vamos fazer um na Universidade Federal de Sergipe. Eu estou tentando programar uma comemoração. Mas, não é apenas porque ele faz cem anos de nascimento. Não! É porque não só o pensamento de Josué de Castro mas as temáticas com as quais ele trabalhou, são atualíssimas. Existem análises de Josué de Castro que você diz: esse é um homem do século XXI. Então, ele está em consonância com as mais modernas teorias, tanto das Ciências Sociais, quanto das Ciências Geográficas, quanto das Ciências Biológicas, da Medicina etc. É de uma atualidade! Ele é daqueles homens que se tornam clássicos, e são clássicos por isso, porque eles se projetam no futuro. Embora homem de sua época, obviamente, ele era um homem como sujeito em si; era um homem de sua época, mas como um intelectual, como indivíduo que conseguiu abstrair o mundo em que se projetou... De modo que eu diria que Josué de Castro começa médico, se torna um pouco geógrafo, se forma sociólogo, e termina filósofo, porque acredito que a Filosofia é que permite ver adiante de tudo isso, você se torna um pensador que começa a pensar grandes questões que se colocam como um desafio pro mundo. São questões que colocam a humanidade a pensar e faz com que você se eleve muito no pensamento. São poucas as pessoas que fazem isso; são poucos os intelectuais que fazem isso, eu diria que Milton Santos é um deles. Brasileiro pensador do Brasil. Milton Santos é um outro nome fantástico, por sinal foi aluno de Josué de Castro, na França. Então, penso que a atualidade dele é fantástica. Primeiro, os temas estão aí infelizmente: a fome é um deles. Estão a desafiar o Brasil, a desafiar a América Latina, a desafiar o mundo. As desigualdades sociais, a distância entre ricos e pobres, também, em termos de nações, estão a desafiar o mundo. Alguns problemas se agravaram, ao invés de diminuir. Nós temos um avanço tecnológico uma cresça na Ciência e na Tecnologia como deusas do novo século. Essa

crença na Ciência e na Tecnologia está levando, inclusive, a uma falência planetária. Josué de Castro chamava a atenção disso na década de 1970. Não é apenas pela questão ambiental, eu diria que há uma questão de falência humanitária. Veja, você toma hoje a situação nos países mais ricos como exemplo: eles estão pouco ligando para a situação dos mais pobres. Os pobres do mundo estão sendo tratados como se fossem uma deficiência genética; isto é horrível; ou como se não tivessem competência, então eles que se resolvam. No máximo, eles jogam lá um alimentozinho. Então, não há mais a onda de solidariedade. A falência dos modelos, do chamado socialismo real, para muitas pessoas foi o fim do mundo; as pessoas não conseguiram pensar em etapas. Nós estamos numa fase de desenvolvimento da humanidade egoísta; falta solidariedade, onde a alteridade não é vista e quando você tem que lidar com ela, você lida de forma a se distanciar, de se isolar e se possível de eliminar. Um autor que caminha nessa direção e que podemos fazer um paralelo bem interessante com o Josué de Castro, numa outra linguagem, é o Zigman Bauman. As análises do Bauman em muito vão corroborar as análises do Josué, claro, observando-se a linguagem daquela época, a linguagem que o Josué utilizava, os conhecimentos etc. Então, Josué de Castro é um autor que teria que ser visitado, não para você copiar, mas para você passar a pensar e dar valor a autores como ele. Eu citei o Milton Santos, mas existem outros brasileiros que se tornaram grandes intelectuais, e nós não precisamos ir buscar nenhum intelectual de fora; não sou contra, mas acho que nós temos que dar valor aos homens que pensaram o Brasil, e engraçado esses homens são muito referenciados lá fora e pouco referenciados aqui. Parece que ninguém é rei na sua terra, não é? Não faz sucessor. As teses que o Morin levanta; em parte, antes do Morin, ser Morin, quando o Edgar Morin ainda não tinha esse espectro que ele tem hoje, essa produção toda, que ele tem hoje, ou essa projeção que ele tem hoje o Josué de Castro já ia nesta linha, por isso, digo: são homens fantásticos. Se você lesse o Josué de Castro na década de 1970, na França, você diria: nossa, isso é o pensamento complexo de Edgar Morin, só que em 1968, 1967 o pensamento complexo de Morin ainda não tinha vindo à tona com essa força. E o Edgar Morin é um dos autores que faz parte do grupo que Josué de Castro formou em Valence, em França, para discutir a questão ambiental.

Revista *Inter-Legere*: Quais são suas preocupações, hoje, primeira década do século XXI, frente aos grandes desafios postos às Ciências Sociais em seus aspectos teóricos e metodológicos de acordo com o seu projeto de vida?

Tânia Elias:Veja, é como já disse, você traça um projeto de vida, e nada foge muito daquilo que tem na sua história de vida, não tem jeito. Aquilo vai desaguando. As minhas preocupações de estudo sempre foram muito abertas. Então, trabalhei muito tempo a questão da educação, não a educação rural, não a educação no sentido pedagógico, eu não sou pedagoga, aliás que me perdoem os pedagogos não tenho nem vocação para isso, acho importante, mas não sou. Mas, não é a minha área a didática ou a pedagógica da educação. Mas, educação enquanto um fator de desenvolvimento; enquanto um fator de identidade cultural; isso é educação; tanto a educação formal, quanto a educação informal; educação das populações autóctones; das populações mais rústicas etc. E isso aliado à militância política, sempre fui militante. Então, as coisas sempre estavam mais ou menos caminhando juntas. Sempre fui uma pesquisadora, assim, em que se, por um momento eu poderia estar pesquisando alguma coisa, mas se entrasse um outro delta e eu achasse interessante abraçaria, eu sou assim até hoje; eu vou atrás daquilo porque a vida é múltipla, o olhar da gente é múltiplo e a curiosidade também. Pesquisa é isso, então eu trabalhei bastante tempo com essa questão de educação-cultural-rural, trabalhei um pouco com a questão dos movimentos sociais no campo. Mas não muito. Atuei mais politicamente, buscando reflexões para pesquisa, e desde que eu entrei na Universidade trabalho com a Sociologia do Desenvolvimento, então as questões do desenvolvimento, da modernização, da globalização me acompanham há praticamente trinta anos de reflexão, e, dentro dessa temática, têm várias temáticas, e uma delas é a questão ambiental que adentrou e comecei a me debruçar sobre essa questão em 1985, de fato. Então, são 23 anos, mas ela é decorrente desta discussão sobre o desenvolvimento, inclusive, uma reflexão crítica sobre o desenvolvimento. E aí você vai avançando na leitura de autores, sempre lecionando... Mas porque estou falando isso. Ah! parece que não tem nada a ver? Tem, faço parte de um núcleo de estudo chamado "Itinerários intelectuais: imagem e sociedade" que, por sinal, foi criado junto com a professora Vânia Gico, aqui da UFRN, aliás o nome do Núcleo foi idéia dela. Ela me convidou para criar

um núcleo de estudos e criamos. Eu continuo com o Núcleo, mas, não sei se ela continua. Através dele incentivo a produção de estudos de autores, de instituições, de obras, abrindo espaço para o diálogo pra todo campo do conhecimento. Não só obra científica, como obra de arte. Eu gosto muito do campo artístico. O campo das artes fala muito para nós cientistas sociais. A sociedade está nas artes. É preciso saber ler isso. E esse é um núcleo aberto que nos traz tanto pesquisadores, como diálogos, pesquisas de mestrado, doutorado, de graduação também. Não tenho nenhum preconceito. E não acho que é um núcleo de excelência. É um núcleo que está produzindo, onde se aprende com todo mundo. Até que surgiu essa questão ambiental. Eu trabalhei muito tempo com políticas públicas, desenvolvimento, meio ambiente. Hoje, a questão ambiental já passa por outras preocupações, mas ela está passando por outros tipos de reflexão, por isso estou levantando a presença dessa questão na literatura, nas obras de arte, procurando como ela se fazia presente no passado. E continua presente. Essa é a questão do ambiente, da denúncia, até da destruição do ambiente. Como ela foi sedimentada a partir destes campos de observação. Sem deixar de estar preocupada com a questão ambiental nos textos mais científicos, já trabalhei com algumas rimas e como se faz isso?. É complicado dizer é isso. Não sou acadêmica modelo. Eu sou, diria que atípica. Isso é um problema pra mim porque as pessoas gostam de rótulos. E as pessoas se fazem no rótulo. A academia é rótulo. Ela rotula. E as pessoas se fazem no rótulo, e, dizem: sou especialista nisso, naquilo. Eu acho que um bom profissional na nossa área tem que ser alguém que tenha sensibilidade e abra os olhos para aquilo que for necessário. A sociedade é complexa, múltipla. Ela é toda, não é uma parte. O cientista social que trabalha refletindo como se ela fosse uma parte, é um péssimo cientista social. Eu sou de outro tempo. Você poderia perguntar: Como eu cheguei a um trabalho mais concreto e eu responderia, fazendo um estudo para uma empresa que queria colocar um aterro em Aracaju. E nessa discussão, o dono da empresa, um baiano. Um empresário animado. Ele fundou uma ONG com essa finalidade e me convidou. Eu aceitei e pedi para que me colocasse na diretoria de cidadania e cultura. Quando eu me aposentei disse: agora eu vou terça e quinta à tarde para a ONG. Eles já tinham uma unidade de reciclagem de papel chamado Casa de Papel. E, juntamos tudo. Pra você ter uma idéia, hoje nós temos um projeto na área de arte, no qual fazemos oficinas de dança do ventre para trabalhadoras do setor de limpeza pública e agora para o sindicato das domésticas. É a conscientização, a integração

social através da arte. Isso é uma questão ambiental também. Isso é meio ambiente. E você trazer, fazer com que as pessoas readquiram a sua autoconfiança é importante para que elas se sintam importantes, passem a se olhar de uma forma diferente, ajudando no equilíbrio do ambiente. Por isso, é ambiente. O ambiente é tudo. Pense, se você é uma pessoa infeliz, como você vai ter uma preocupação com o ambiente! Durante muito tempo a nossa filosofia foi muito “pragmatista”, principalmente, na nossa cultura que é decorrente da norte-americana, que é pragmática; a objetividade, a racionalidade predominava e nós ainda vamos chegar à conclusão que essa racionalidade é falsa. Essa razão objetiva, puramente objetiva, nunca existiu. Relendo os autores clássicos, você vai perceber que nem eles estavam dizendo isso. Isso foi uma interpretação mal feita da leitura porque nós somos na verdade emoção. O que nos move mais que essa pretensa razão, é a emoção. Nós temos uma herança do pragmatismo. É daí a nossa fé na ciência, na tecnologia. A tecnologia conserta. A filosofia oriental pega vários pólos e ela é muito rica porque ela inverte. Nela, não é a razão que domina. É o sujeito, e a subjetividade. É o que a gente chama de espírito. É aquela parte do indivíduo que é a psique, mas é na verdade mais do que psique. Então, o enxergar o mundo é diferente. A sua relação com o mundo é outra. A nossa relação com o mundo é uma relação utilitária. E isso vem de Descartes, a natureza está aí para servir ao homem. Isso vem da Bíblia. Deus fez o mundo e tudo que nele existe para servir ao homem, pra ser escravo do homem. Então, você veja que a nossa filosofia, a filosofia judaico-cristã é uma filosofia mais próxima da racionalidade, do tecnicismo, da razão instrumental. Ela é uma filosofia que nos leva a esse impasse.

A filosofia oriental nos coloca num outro plano. E hoje, dada a crise da humanidade, se busca um pouco desse resgate, uma compensação. Ainda temos muito o que aprender. É pena que muitos dos povos que deviam nos ensinar não existam mais, foram solapados em sua cultura. Então, nós e as futuras gerações vamos ficar com essa lacuna de aprendizado.

Revista *Inter-Legere*: Em seu engajamento, na vida e militância política como vê a obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio?

Tânia Elias: Eu milito na questão desde estudante. Obviamente que eu me dei conta dele nas ciências sociais quando comecei a estudá-las. Então, ali eu já entrei numa época de ditadura militar. Pegamos toda uma diáspora na USP de cassação de professores, de sumiço de colegas, de uma vida, digamos assim, clandestina. Embora à época eu não fosse filiada a nenhuma organização política, mas, eu servia de apoio a todas elas. Você quando é militante tem que ter pontos seguros de apoio. Tive muitos colegas, inclusive, que desapareceram na luta política pela volta da democracia. Em 1964, quando foi dado o golpe militar, eu morava em Volta Redonda e lembro que eu tinha um professor de matemática, o professor Brasil, que foi preso e apanhou muito. Na época eu estava até no sindicato dos metalúrgicos, fazendo discursos. Mas eu era muito jovem, tinha 17 anos, mas já estava envolvida. Desde aquela época que eu comecei a me envolver de forma difusa, mas me envolvia. E isso foi crescendo. Eu conheci meu marido na universidade, foi um colega de faculdade, também militante. E nós sempre tivemos uma vida preocupada, engajada primeiro pela volta à democracia, na crença de um país mais justo, mais solidário, socialista... Isso toma conta da vida da gente o tempo todo. Eu me filiei ao PT em 1981, mas desde 1979 que eu o acompanho. Militei no partido, fundamos a secretaria agrária do partido. Fundamos um comitê de apoio à Liga dos Trabalhadores Rurais para defender a reforma agrária. Estivemos envolvidos, eu e meu marido e até meus alunos, na luta dos trabalhadores. Em 1992, fui candidata ao governo do Estado de Sergipe pelo PT e em 1996 eu me afastei do partido. Pedi desfiliação, mas me afastei por motivos éticos internos que não convém discutir. Mas isso não quer dizer que tenha deixado a militância. Na militância, a consciência social é contínua e desses valores não pretendo me desfiliar, continuo na militância. Desde a regulamentação da lei que reconhece a nossa profissão de sociólogo, em plena ditadura em 1981, ao decreto que regulamenta a profissão em 1984, e a batalha para a volta do ensino de sociologia no Ensino Médio em 2008, essa luta tem sido uma constante, dentro e fora da universidade. Luta que eu acompanhei, acompanho e tenho muito carinho por ela. É uma luta pelo professor; sou licenciada professora. E agora nós temos outro desafio, uma vez que, se a sociologia entrar definitivamente nos currículos, nós temos um desafio muito grande que é repensar o curso. E talvez, futuramente, o próprio decreto que regulamenta a profissão. Isso é mais complicado, mas vai ter que ser revisto de alguma forma, porque as licenciaturas ficaram como o primo pobre da formação. Eu acho que isso decorre de quando o curso, a disciplina foi tirada dos

currículos escolares. Então, ela perdeu a importância, a licenciatura. O que é que fica?, o bacharelado, mesmo sem grandes formações, é uma outra questão a ser vista. Mas mesmo sem grandes empregos, o bacharelado continua porque de alguma forma você tinha como se inserir no mercado de trabalho. Mas não em cargos, não de sociólogos. Mas não havia aula de sociologia, política. Havia aula de Organização Social e Política Brasileira (OSPB), fiz licenciada no período da OSPB. Eu podia ensinar política e poderia também ensinar história econômica e social que depois não podia porque já tinha a profissão de historiador. Então, na volta da sociologia, você vai precisar de um profissional formado e quem forma são os licenciados. Então, nós temos uma questão séria porque pelo decreto que regulamenta a profissão, o licenciado não é sociólogo. Para o Ministério da Educação, para você ser professor basta ter as disciplinas pedagógicas no seu campo de estudo, ter a formação, ou seja, a licenciatura. O licenciado pode dar aula pelo MEC, não poderia dar aula pelo decreto de sociologia. Porque o decreto diz: que uma das competências do sociólogo é dar aula de sociologia, desde que ele tenha habilitação, ou seja, desde que o sociólogo seja licenciado. O que fazer para que o sociólogo seja bacharel e licenciado? isso seria o ideal. Mas hoje você tem cursos de bacharelado, tem cursos de licenciatura. Então, vai formar licenciados que são professores, mas não são sociólogos. E ao mesmo tempo uma lei que vai obrigar o indivíduo a ser bacharel e licenciado. Então, nós temos aqui um meio de campo complicado que vai ter que ser discutido com muita parcimônia, cuidado para ver como se resolve. Mas há uma tendência que os cursos sejam de sociologia, antropologia e de política. Há uma tendência no Brasil que os cursos de ciências sociais estariam com os dias contados para haver cursos de sociologia, de política, de antropologia. Nesse sentido, quem daria aula de sociologia?, o sociólogo. Lembrando que a volta não é a volta das ciências sociais, porque elas nunca estiveram nos currículos de ensino médio. É a volta da sociologia. Aí vai criar um problema porque os *politicólogos* vão ter que arranjar uma disciplina de política, os antropólogos uma disciplina de antropologia. Então, você veja que se por um lado há uma vitória porque acho que quem ganha é a sociedade, por outro profissionalmente, nós vamos ter um campo meio complicado que nunca nos preocupou porque isso não existia. Existia aqui, acolá, mas como não existia não havia a preocupação com o que ainda não existia. Ninguém vai se preocupar com o que não existe. Agora existe. É desafio para os cursos, desafios para os alunos. Ah, de se pensar que a licenciatura é tão ou mais importante, ou tão quanto o bacharelado. Acabar

com esse negócio de professor não querer dar aula na licenciatura. São pessoas que não querem ir para licenciatura porque é uma coisa menor. O aluno da licenciatura é visto, em geral, como aquele aluno que é menos capacitado porque como ele não vai fazer monografia de conclusão. Mas, porque não fazê-lo? Então, aquele que não tem competência para fazer a pesquisa final vai ser licenciado. Parece que foi o Fernando Henrique Cardoso que mandou os professores que não têm vocação para pesquisa dar aula. Fazer o quê? Pra mim, professor dá aula. É óbvio que para você dar uma boa aula, você tem que ser pesquisador, tem que ser um estudioso etc. Então, é lamentável, mas essa é a mentalidade. Mas nós estamos chegando a um ponto tão grave que em muitas universidades há caso de professores que não querem mais nem dar aula na graduação. A graduação virou lixo. Então, veja essa é uma questão, é uma luta da qual não podemos nos afastar. Eu estou com isso como questão de honra. Vou o tempo todo trabalhar em cima disso. Tenho estudado sobre isso. Tenho participado desde o primeiro Encontro de Ciências Sociais. Tenho acompanhado bastante a discussão porque eu acho que isso é fundamental que a gente prime pela qualidade do curso. Se vai ficar Ciências Sociais ou vai mudar. Prime, pleiteie a qualidade da formação e do profissional e cuide das graduações. As graduações, em geral estão sendo abandonadas, em segundo plano. Para se ter idéia há uma preocupação muito grande com as Pós-Graduações. Você pode ver pela CAPES, CNPq, pela pontuação, pelos currículos *lattes* e o *qualis* da vida que pontuam para isso. E não pontuam para os professores que estão em sala de aula. Os que estão produzindo pela graduação, têm pontuação baixíssima. Tem que se produzir outro tipo de conhecimento. E aí, fica professor de primeira categoria e de segunda categoria. Isso, mesmo que ele seja doutor, mestre... Eu sou contra isso. Eu acho que a graduação, as graduações devem ser as mais bem estruturadas. Pense você vai fazer o doutorado e quando volta não quer dar aula para graduação. Eu sou tão importante que quero dar aula pra quem?. O professor volta e não sabe mais atender a um aluno. O professor tem que saber dar aula em qualquer nível de ensino. Quanto mais qualificado melhor porque tem mais conteúdo, está mais preparado e isso é melhor para formar um aluno bem formado. A pós-graduação, o nome já está dizendo, é uma pós. O aluno sai da graduação vai fazer o mestrado para aprender o que não aprendeu na graduação, para se tornar professor e pesquisador.

